

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES(AS) DE ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

Maria da Piedade Lins Pedrosa<sup>8</sup>

## RESUMO

Este trabalho é resultado da pesquisa objeto da dissertação de mestrado intitulada “educação sexual: representações sociais de professores(as) de ensino fundamental”, que teve como objetivo principal analisar as representações sociais que os(as) professores(as) de ensino fundamental de escolas públicas têm sobre a educação sexual. Participaram vinte professores(as) que estivessem ou não trabalhando com o conteúdo de educação sexual nas suas disciplinas. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas, na perspectiva da análise de enunciação e tiveram como suporte teórico as representações sociais de Serge Moscovici. Os resultados revelaram que os professores(as) possuem uma representação ambígua em relação à educação sexual, ou seja, ao mesmo tempo em que reconhecem a importância de se realizar a educação sexual na escola (imagem positiva), denotam a falta de preparo deles(as) para realizar tal tarefa (imagem negativa).

**Palavras-chave:** Educação sexual. Representações sociais. Professores. Ensino fundamental.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é investigar as representações sociais que os(as) professores(as) do 2º ciclo do ensino fundamental de escolas públicas de João Pessoa apresentam sobre educação sexual. A necessidade partiu do momento histórico-social que estamos vivenciando, em que é possível observar que a educação sexual vem se tornando, gradativamente, uma questão das mais discutidas por vários segmentos da sociedade, como por profissionais das áreas de educação, saúde, meios de comunicação, família, Igreja, dentre outros. A defesa pela sua implantação na escola desde as séries iniciais tem sido bastante frequente, uma vez que a sexualidade vem sendo considerada um aspecto importante na formação do indivíduo.

Mas educar sexualmente não significa apenas informar ou orientar o indivíduo sobre os aspectos biológicos da sexualidade, significa ser responsável pela

---

<sup>8</sup> Psicóloga Clínica das Faculdades de Enfermagem e Medicina Nova Esperança. Especialista em Sexualidade Humana. Mestre em Educação.

construção de valores e mudanças de atitudes em relação à aceitação e à vivência da sua própria sexualidade. É nessa responsabilidade, que os(as) educadores(as) devem se deter, tanto no que se refere à sua vida como um todo, quanto, principalmente, à sua vida como um profissional.

O(a) educador(a) precisaria, então, ter um domínio razoável em nível de conhecimento teórico sobre sexualidade, além de conviver bem com a própria sexualidade, para saber abordar as questões ligadas ao tema com os seus alunos, levando em consideração a formação prévia desses alunos, que, possivelmente, é reflexo de uma deficiência na educação sexual que receberam na família.

A divulgação, em 1997, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pelo Ministério da Educação e do Desporto – MEC, abriu novas perspectivas de inserção da Educação Sexual nos currículos das escolas de Ensino Fundamental. De acordo com o documento ministerial, a idéia principal é a de oferecer à educação fundamental uma orientação voltada para a construção da cidadania, da justiça social, com a participação efetiva de todos nas decisões públicas e coletivas. Segundo a Secretaria de Educação Fundamental, desse Ministério:

O objetivo deste documento está em promover reflexões e discussões de técnicas, professores, equipes pedagógicas bem como pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica no desenvolvimento dos alunos, levando em conta os princípios morais de cada um dos envolvidos e respeitando também os Direitos Humanos (BRASIL, 1997, p. 107).

Porém, uma questão que nos preocupa e que consideramos ser necessário discutir é a postura do professor face à aplicabilidade dos pcns nas escolas, considerando que os mesmos foram elaborados sem a participação dos docentes que são aqueles diretamente envolvidos nesse processo.

O que aqui está em jogo é que tais pcns não contemplam, em sua elaboração, a voz daqueles(as) que irão implantá-los, por conseguinte não levaram em consideração as diferenças culturais entre regiões, nem tampouco a formação dos(as) professores(as) que serão responsáveis pela nova disciplina. Consideramos de primordial importância para uma efetiva educação sexual que, nesta nova disciplina, os(as) professores(as) não se tornem meros transmissores de informações, mas que, de fato, sejam

educadores(as) comprometidos(as) também com as questões afetivas e pessoais com que o tema da sexualidade está envolvido.

Escolhemos a representação social como pressuposto teórico da nossa pesquisa por concordarmos com herzlich (1989, p. 23), quando diz que a representação social pode ser entendida como *“a elaboração psicológica complexa, aonde se integram, em uma imagem significativa, a experiência de cada um, os valores e as informações circulantes na sociedade.”* o que, para Pedra (1997), significa que as representações sociais não reproduzem apenas o lugar do indivíduo ou da classe na estrutura social mas, principalmente, refletem a maneira como esse indivíduo, ou essa classe toma consciência e responde a essa estrutura social.

Optamos por investigar o 2º ciclo de ensino fundamental, por corresponder à fase de desenvolvimento humano, transitiva, em que os alunos estão entrando na adolescência. Trata-se de uma fase cujas características básicas são mudanças físicas (puberdade), mudanças psicológicas e sociais, além de ser marcada por muitos conflitos, e busca de auto-afirmação, principalmente em relação a questões ligadas à sexualidade.

## **METODOLOGIA**

### **SUJEITOS**

Participaram dessa pesquisa 20 professores(as) do 2º Ciclo de Ensino Fundamental, todos com nível superior, que estivessem ou não trabalhando o conteúdo de educação sexual na sala de aula. Incluímos também os professores que não estavam trabalhando esse conteúdo, para que pudéssemos identificar as dificuldades que esses(as) professores(as) estavam enfrentando.

### **MATERIAL**

Utilizamos como instrumento de pesquisa a entrevista semi-estruturada que é *“uma combinação de perguntas fechadas ou abertas, que permite ao entrevistado(a) falar sobre o tema, sem respostas ou condições preestabelecidas pelo entrevistador.”* (MINAYO, 1994, p. 108).

Porém, é importante salientar que priorizamos as questões abertas, uma vez que essas proporcionaram aos entrevistados(as) a liberdade de abordar o tema de uma

forma menos diretiva. Essas entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas em sua íntegra.

## **PROCEDIMENTOS**

Antes de iniciarmos a nossa pesquisa, fizemos uma seleção das escolas. Nessa seleção, levamos em consideração os seguintes critérios: Escolas da Rede Pública Estadual, que atendessem ao 2º Ciclo de Ensino Fundamental, e que estivessem desenvolvendo um Programa de Educação Sexual em sala de aula. Selecionamos as 04 escolas que compunham o Projeto CEPES II (Centros Paraibanos de Educação Solidária). Foram elas: *Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental e Médio Escritor José Lins do Rego*, *Escola Estadual de 1º Grau Gonçalves Dias*, *Escola Estadual de 1º e 2º Grau Professora Lílissa Paiva Leite* e *Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Orlando C. Gomes*. Todas localizadas no Bairro do Cristo Redentor, a partir de informações fornecidas pela Secretaria de Educação e pela Coordenação do CEPES I, assegurando que essas escolas estariam iniciando um trabalho na área de educação sexual, apesar de a Secretaria da Educação não ter nenhum registro desse trabalho no âmbito da cidade de João Pessoa-PB.

É necessário salientar que elaboramos, antecipadamente, um roteiro dessa entrevista, com o objetivo de testarmos as questões elaboradas. O roteiro final da entrevista ficou composto pelas seguintes questões:

1. É verdade que foi implantada a educação sexual aqui na escola? Há quanto tempo vem acontecendo esse trabalho? Como é que está sendo feita a escolha desses professores?
2. Como os professores estão vendo a implantação da educação sexual na escola? E você?
3. Como você tem trabalhado esse conteúdo em sala de aula?
4. A quem você acha que compete a realização da educação sexual?
5. A partir de sua vivência na escola, o que é necessário para desenvolver um programa de educação sexual na escola?

Os dados coletados nas entrevistas com os professores(as) das Escolas Públicas de João Pessoa foram estudados com base na análise de enunciação. Essa análise de enunciação foi realizada em algumas etapas: em primeiro lugar, fizemos uma análise temática, com o objetivo de destacar os temas presentes nos discursos dos sujeitos em

relação à educação sexual; em seguida, fizemos a análise de enunciação propriamente dita, através de uma análise lógica presente na dinâmica das entrevistas. Utilizamos, para a identificação das entrevistas, um código composto pelas iniciais do nome do professor(a), a sua idade e pela disciplina que ensina, representado da seguinte forma: PC – Professor(a) de Ciências; PEF – Professor(a) de Educação Física; PM – Professor(a) de Matemática; PH – Professor(a) de História e PG – Professor(a) de Geografia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A representação que os professores(as) elaboraram sobre a educação sexual na escola foi muito bem contemplada na fala desses professores:

“É fundamental. Porque o jovem precisa muito é... ficar sempre bem informado nesse... na, na educação sexual, para evitar a gravidez na adolescência, como usar a camisinha, como se prevenir da AIDS, isso é muito importante, os nossos jovens ter esse conhecimento.” (NMF, 43a, PH)

“Acho importantíssimo né, que a gente vê o que hoje a evolução é, é jovens aí, meninas com dez anos, é principalmente nas escolas, eu tenho aluna com 10 anos, 11 anos, já envolvida com a vida sexual é, é e as vezes mãe... prematuramente, é aí sem nenhuma preparação né? Eu acho que tem que ter uma preparação, tem de se conversar. Eu acho que ainda tem muito adolescente, precisando mesmo de orientação.” (MAA, 32a, PH)

Entretanto, essa representação está fundamentada na representação que têm de si mesmos(as) enquanto professores(as).

“Eu acho que ela é indispensável mesmo, agora que precisava qualificar algumas pessoas aqui pra trabalhar nessa área ou trazer algumas pessoas na escola, para produzir um bom trabalho aqui que tá necessitando demais, eu acho interessante isso”. (GP 30a PM)

“Eu vejo o seguinte, pra gente dar como uma disciplina, uma matéria deveria o professor tá bem preparado, ou ser bem preparado”. (CF 43a PEF)

É possível observar nas falas acima transcritas que os professores(as) fizeram recorrências a sua imagem como professor(a) para construir as representações da educação sexual na escola.

No entanto, a construção dessas representações acontece num processo de ambigüidade, ou seja, ao mesmo tempo em que mostram a importância de se realizar a educação sexual na escola (imagem positiva) denotam a falta de preparo dos professores(as) para realizar tal tarefa (imagem negativa).

Essa construção, que se encontra ancorada num processo de ambigüidade, nos leva a fazer duas inferências. Primeiro, que apesar de esses professores(as) terem curso superior, o qual deveria capacitá-los para o ensino, como também, os anos de experiência em sala de aula, os mesmos não se reconhecem devidamente preparados(as) para desenvolver um programa de educação sexual na escola. E, segundo, que além do despreparo em nível de conhecimento, os professores(as) enfrentam outro tipo de dificuldade, a de ordem pessoal, que provavelmente é reflexo de uma educação familiar repressora. Essa análise encontra suporte em FAGUNDES (1993), quando este coloca que essas professoras são frutos de uma educação sexual repressora e de uma deficiência curricular existente na maioria dos cursos universitários e cursos de magistério.

É possível observarmos nas respostas dos entrevistados(as) que, apesar do despreparo em lidar com questões relacionadas à sexualidade, eles(as) acreditam que a escola precisa dar a sua contribuição nessa área, a partir de dois pontos básicos: a falta de preparo também dos pais para orientar os filhos e a preocupação com a orientação aos jovens.

Eu vejo como uma coisa extremamente importante né? Importante por quê? Porque nós temos aí uma juventude né, é... que tem um conhecimento grande né, que eles buscam na rua, com os colegas.. é.. poucos conhecimentos eles trazem de casa [pausa] pouco conhecimento é passado de, dos pais e.. é... nós, professores né, que temos de procurar de certa forma é... esclarecer, dizer como é o certo né? (JW, 32a, PC).

É fundamental. Porque o jovem ele precisa muito é... ficar sempre bem informado nesse... na, na educação sexual [pausa] para evitar a gravidez na adolescência, como usar a camisinha, como se prevenir da AIDS, isso é muito importante, os nossos jovens ter esse conhecimento (NM, PH, 43 anos).

A representação que os(as) professores(as) fazem da família também se dá através de uma imagem negativa e de uma divisão de um sentimento de culpa e responsabilidade, ou seja, que a omissão da família e da escola em relação à orientação de crianças e adolescentes sobre questões relacionadas à sexualidade está gerando consequências sérias, como a introjeção de informações deturpadas, gravidez precoce, etc.

Essas atitudes dos professores e dos pais nos levam a inferir, de acordo com LOURO (1999), que as questões relacionadas à sexualidade estão presentes no cotidiano escolar, sejam da nossa vontade ou não, ou seja, estão presentes nas conversas, nos rabiscos feitos no banheiro, nos namoros e, principalmente, acontecem na sala de aula, explícita ou implicitamente, nas falas e atitudes dos professores(as) e dos alunos.

Os professores(as) expressam nas suas representações a importância de se realizar um trabalho de educação sexual, porém de uma forma estruturada e sistematizada.

Não que eu vejo de uma forma boa, mais, mais, mais assim, orientação eu acho importante, é de fundamental importância, quer dizer agora, só que eu vejo o seguinte, por exemplo, ele não pode ser trabalhado aleatoriamente, tem que ser trabalho sistematizado, tem que ser um trabalho sistematizado”. (SB, 42a, PEF). “Na minha concepção deveria ter uma disciplina, uma formação sexual, é isso aí que eu acho que deve, tem que ter a partir da 5ª série, já deve ter, o aluno já deve ter essa disciplina (FI, 36a, PM).

Torna-se clara, nas informações dos professores(as), a necessidade de se realizar um programa de educação sexual, entretanto as dificuldades em nível de conhecimento e em nível pessoal enfrentadas pelos professores(as) vêm interferindo na execução desse trabalho. E, como a proposta dos PCNs é de trabalhar a orientação sexual como tema transversal, ou seja, dentro de qualquer disciplina, podemos supor que essas questões têm servido de justificativas para que os professores se abstenham de trabalhar o conteúdo de educação sexual independente da disciplina.

As falas dos(as) entrevistados(as) revelam que a sexualidade é um tema que deve ser tratado quase que exclusivamente pela disciplina de Ciências e Biologia.

“Bem, que foi implantada foi, agora os professores não estão não é, dando essas aulas, só o professor de Ciências mesmo...” (PM, 50a, PG)

“Bem, houve uma reunião e a inspeção para a notação né, dos Parâmetros Curriculares é de ordem técnica, vamos dizer a questão da educação sexual ficou mais a cargo dos professores de Ciências e Biologia no caso do 2º Grau...” (SB, 42a, PEF)

E os professores(as) de Ciências, por sua vez, demonstram nas suas falas que estão realizando a educação sexual apenas na 7ª série, no conteúdo da reprodução humana, além de estarem se sentindo obrigados(as) a trabalhar o tema na sua disciplina.

“Se tiver lá no livro aquilo, aquele tema, se trabalha né? A gente geralmente é isso que acontece, se trabalha muito em cima do livro, por exemplo, na 7ª série quando se trabalha o corpo humano, aí tem a parte do aparelho reprodutor, aí o professor deve trabalhar, isso, e geralmente trabalha...” (EI, 43a, PC)

“Bem, com o programa que vem da Secretaria da Educação, o professor de Ciências tem obrigação é de dar educação sexual. Pelo programa nosso o professor de Ciências não pode fugir não. Tem obrigação...” (MT, 47a, PC).

Diante dessas atitudes dos(as) professores(as), devemos supor que essa ação educativa é uma responsabilidade dos professores de Ciências e Biologia, uma vez que consideram as questões relacionadas à sexualidade parte da sua área de atuação? De acordo com (WEREBE, 1998) essa suposição não é correta, porque outras disciplinas também são importantes no estudo dessas questões. Além do que, nem sempre os professores de Ciências e Biologia possuem, necessariamente, todos os conhecimentos sobre a sexualidade e, principalmente, sobre as dimensões psicológicas que envolvem essas questões.

Outro ponto que podemos observar nas respostas desses(as) professores(as) é que a educação sexual continua sendo vista como um campo disciplinar, em que pessoas percorrem com muitos temores, refugiando-se assim no campo científico, quando preferem dar ênfase aos aspectos biologizantes da sexualidade, esquecendo-se de contextualizar as questões em nível social e cultural que envolvem o tema (LOURO, 1999).

Isto acontece em decorrência da exclusão na maior parte dos estudos na área da educação no Brasil sobre as relações de gêneros. De acordo com VIANNA (1997), a escola vem ocupando um espaço cada vez menor na socialização dos jovens, quando, muitas vezes, não são capazes de proporcionar uma estrutura de relações sociais, que envolvem aspectos como geração, raça e gênero e que assim interferem na elaboração de uma nova proposta de qualidade de ensino.

Essa ausência do recorte de gênero, na educação sexual é evidente no discurso dessa professora:

“...Antes de ser educação sexual é educação, ela tem que ser trabalhada em todas as disciplinas, aprender a como tratar o outro... menino que vê muito a mãe apanhar do pai... os dissabores da vida dentro da casa, os filhos crescem assim machões, os conceitos assim de errado, de homem e de mulher, homem pode, mulher não pode, homem isso, homem aquilo...” (CF, 43a, PEF)

Diante disto, podemos observar, no que diz respeito à educação sexual, que essa exclusão do recorte de gênero para lidar com questões relacionadas à sexualidade vem reforçar cada vez mais o determinismo biológico, que tem origem nas ciências biológicas, e que na nossa sociedade explica as diferenças entre homens e mulheres, a partir das distinções de sexo e baseadas, assim em características físicas e naturais. (VIANNA, 1997)

Nas representações que os(as) professores(as) fazem da educação sexual, eles(as) problematizam também algumas questões relacionadas à sexualidade e que fazem parte do cotidiano escolar e do cotidiano do adolescente, que são: a gravidez na



adolescência, o homossexualismo, as doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a AIDS e os métodos anticoncepcionais. Esses(as) professores(as) acreditam na importância de esses temas serem trabalhados em sala de aula, porém o preconceito por parte de alguns professores(as) em relação aos temas e, em especial, em relação ao homossexualismo, podem dificultar esse trabalho.

“Eu acho necessária demais, demais, desde que a gente atenda cada vez mais, por falta de informação, gravidez indesejada, crianças grávidas é... a gente tem aí doenças sexualmente transmissíveis, mortais, né, como a AIDS e outras que prejudicam demais a saúde.” (AM, 39a, PC)

“... quando se trata de homossexualismo aí vem o preconceito, então, o professor pode ser que ele não saiba dar aquela resposta e, invés de ajudar, né, de ajudar aquele aluno, ele possa até prejudicar. Então ele precisa ser formado.” (AM, 39a, PC)

“... tem o ficar então, principalmente, nas nossas festas que nós temos aqui, como a Festa das Neves, o Carnaval, a Micaroa, né, temos que trabalhar em cima dos nossos alunos em relação a isso, principalmente, da AIDS, que é uma das piores doenças. Então eu acho válido não é? E a gente trabalhar os PCNs dentro dessa educação sexual pra valorizar a vida mais, não é? Proteger os nossos alunos dessa doença que é um mal.” (GM 39a PC)

Outro aspecto importante a ser analisado nas representações desses(as) professores(as) diz respeito ao fato de que, nos dias de hoje, as práticas de orientação ou educação sexual na escola ou em outros lugares estão mais voltadas à prevenção da AIDS. É evidente que a realização de um trabalho informativo sobre a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis é importante, mas devemos ficar alerta para que isto não leve a uma associação do exercício da sexualidade à doença (LOURO, 1999). Ainda sobre esse aspecto, Weeks coloca:

[...] produz-se uma fusão entre duas teorias, plausíveis, embora não demonstradas: que haja uma afinidade eletiva entre algumas enfermidades e certas práticas sexuais; e que certas práticas sexuais são a causa de algumas enfermidades. E uma terceira: a saber, que certas práticas sexuais são enfermidades (WEEKS apud LOURO, 1999, p. 140).

É possível observarmos nos discursos desses professores(as) também a presença de valores morais bastante arraigados, e que é confirmado pelo pensamento de Louro, quando coloca:

Fortemente atravessado por escolhas morais e religiosas, o tratamento da sexualidade nas salas de aula geralmente mobiliza uma série de dualismos:

saudável/doentio, normal/anormal (ou desviante) heterossexual/homossexual, próprio/impróprio, benéfico /nocivo, etc. (LOURO, 1999, p. 133).

A presença desses valores morais e religiosos estão muito bem representados nas falas dessas professoras:

“Vamos ver a ciência e não a indecência, porque quando você tá falando na ciência não tem nada de feio, não tem nada de imoral...” (MA, 56a, PC)

“... então eu acho que deve ser uma forma de sexualidade, tem que ter uma formação religiosa também, uma pessoa que tenha um certo pudor...” (MA, 56a, PC)

Portanto, mais importante do que abordar temas relacionados à sexualidade, é preciso que haja uma preocupação como esses temas estão sendo transmitidos aos alunos(as), ou seja, é “preciso questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que os/as nossos(as) alunos(as) dão ao que aprendem.” (LOURO, 1999, p. 137)

Isso pode significar que esses professores(as) quando fazem intervenções na área da sexualidade com os seus alunos, estão educando mais pelas suas atitudes do que pelas informações transmitidas, ou seja, porque eles educam pela maneira como enfrentam a própria sexualidade e das outras pessoas, principalmente de crianças e adolescentes. (WEREBE, 1998).

Werebe coloca, ainda, que os participantes do Seminário sobre Sexualidade do Adolescente (CIE, 1991) comprovaram que muitas vezes os responsáveis pelos serviços de informações sobre a contracepção para adolescentes são mal preparados, além de divulgarem rumores assustadores.

O ideal seria que a educação sexual fosse realizada por um educador, independente da disciplina, pois o educador sexual seria aquele profissional que, além de ter recebido uma formação especial na área da sexualidade, também deveria possuir qualidades necessárias para realizar esse trabalho. De acordo com Desaulniers, a autenticidade seria uma dessas qualidades:

A autenticidade do educador depende das suas atitudes face à própria identidade, à sua vida sexual e à sexualidade dos outros, ela é a consequência de uma maturidade psicológica conquistada e reconhecida (DESAULNIERS, 1990 apud WEREBE, 1998: 195).

Foi possível constatar essa preocupação com a formação do(a) professor(a), como também de outros profissionais, para que estes(as) se sintam

preparados(as) para trabalharem com a educação sexual com os seus alunos(as) nas representações desses(as) professores(as):

“... É deve ser feito como eu falei, primeiro a formação do profissional, segundo o material didático... deve ser levado assim mais sério, a nível de profissionalizar o professor, é isso”. (AM, 39a PC)

“Primeiro a formação de um grupo, professores e técnicos não é isso? Psicólogos trabalhando em cima desse, desse tema é... fazendo debate, é ... trazendo pessoas para debater sobre isso, seminários, debates...” (EI, 43a PC)

Portanto, apesar de todo o processo de ambigüidade que esses professores(as) demonstraram estar vivenciando no cotidiano escolar, em relação à difícil tarefa de trabalhar com a educação sexual, eles(as) também acreditam que a escola, como uma instituição preocupada com a educação global dos seus alunos, poderá dar a sua contribuição, no entanto, terá que fornecer as condições necessárias para que esse trabalho possa acontecer.

## **CONCLUSÃO**

O objetivo do nosso trabalho foi de conhecer e analisar as representações sociais de professores(as) de ensino fundamental, sobre a educação sexual, para que, assim, pudéssemos compreender melhor as dificuldades que esse(as) professores(as) estão enfrentando no cotidiano escolar e trabalhar com questões relacionadas à sexualidade.

É importante ressaltar que essa conclusão se refere a uma classe específica de professores(as) do Ensino Público Estadual, ou seja, aqueles(as) que lecionam o 2º ciclo do Ensino Fundamental de quatro escolas que compõem o Projeto CEPES II (Centros Paraibanos de Educação Solidária), localizadas no Bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa.

Em relação às representações que os professores(as) possuem sobre a educação sexual, os dados da nossa pesquisa evidenciam que a construção dessas representações acontecem num processo de ambigüidade, quando, ao mesmo tempo em que mostram a importância de se realizar a educação sexual na escola (imagem positiva), revelam a falta de preparo dos professores(as) para realizar esse trabalho (imagem negativa).

Dessa forma, o caminho percorrido na nossa pesquisa nos leva a sugerir algumas possibilidades de ações, para que a educação sexual possa acontecer de maneira satisfatória na escola.

Primeiro, a necessidade da implantação da disciplina educação sexual, nos cursos de magistério e nos cursos de Pedagogia e Licenciatura em geral, responsáveis pelos(as) futuros(as) docentes. Para isto, porém, é preciso que os órgãos gestores responsáveis pela educação, em nível nacional ou local, como o Ministério da Educação e a Secretaria de Educação dêem prioridade a esse programa, realizando também treinamento com os(as) docentes, oferecendo recursos pedagógicos, além de fazer um trabalho de acompanhamento, de supervisão desse programa. Só assim acreditamos ser possível superar esse desafio que é trabalhar com a educação sexual no meio escolar.

#### **ABSTRACT**

This work had is resulted of the research developed in the dissertation of intituled mestrado “sexual education: social representation of the teachers of fundamental instruct”, that had as objective man to analyze the social representation that the teachers of fundamental instruct from publics schools have about sexual education. took part in about twenty teachers, that participate in or no, with the sexual education contents in respectives disciplines. everything was collect through structure interview, in perspective of analyze to inform, and had like theoretical support he social representations from serge moscovici. the results revealed that the teachers have a ambiguous representation with the sexual education, or else, in the same time they show the importance of realization of sexual education in schools (positive image) and indicate the absence of the preparation from the teachers to realize this work (negative image).

**Key Words:** Sexual education. Social representation. Techers. Fundamental instruct.

#### **REFERÊNCIAS**

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1997. v. 10.

DESAULNIERS, M. P. **Pedagogie de l'éducation sexuelle**. Montreal: Agence d'ARC, 1990.

FAGUNDES, T. C. P. C. Educação sexual e formação do professor, necessidade e viabilidade. **Revista brasileira de sexualidade humana.** v. 4, n. 2, São Paulo: Iglu, 1993.

HERZLICH, C. **Santé et maladie:** analyse d'une representacion sociale. Paris: Mouton, 1969.

LOURO, G. L. **O corpo educado:** pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Artelândia, 1999.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 3. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec, 1994.

PEDRA, J. A. **Currículo, conhecimento e suas representações.** Campinas: Papirus, 1997.

VIANNA, C. Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade de educação escolar. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas. 25. ed. São Paulo: Summus, 1997.

WEREBE, M. J. O. **Sexualidade, política e educação.** Campinas: Autores Associados, 1998.